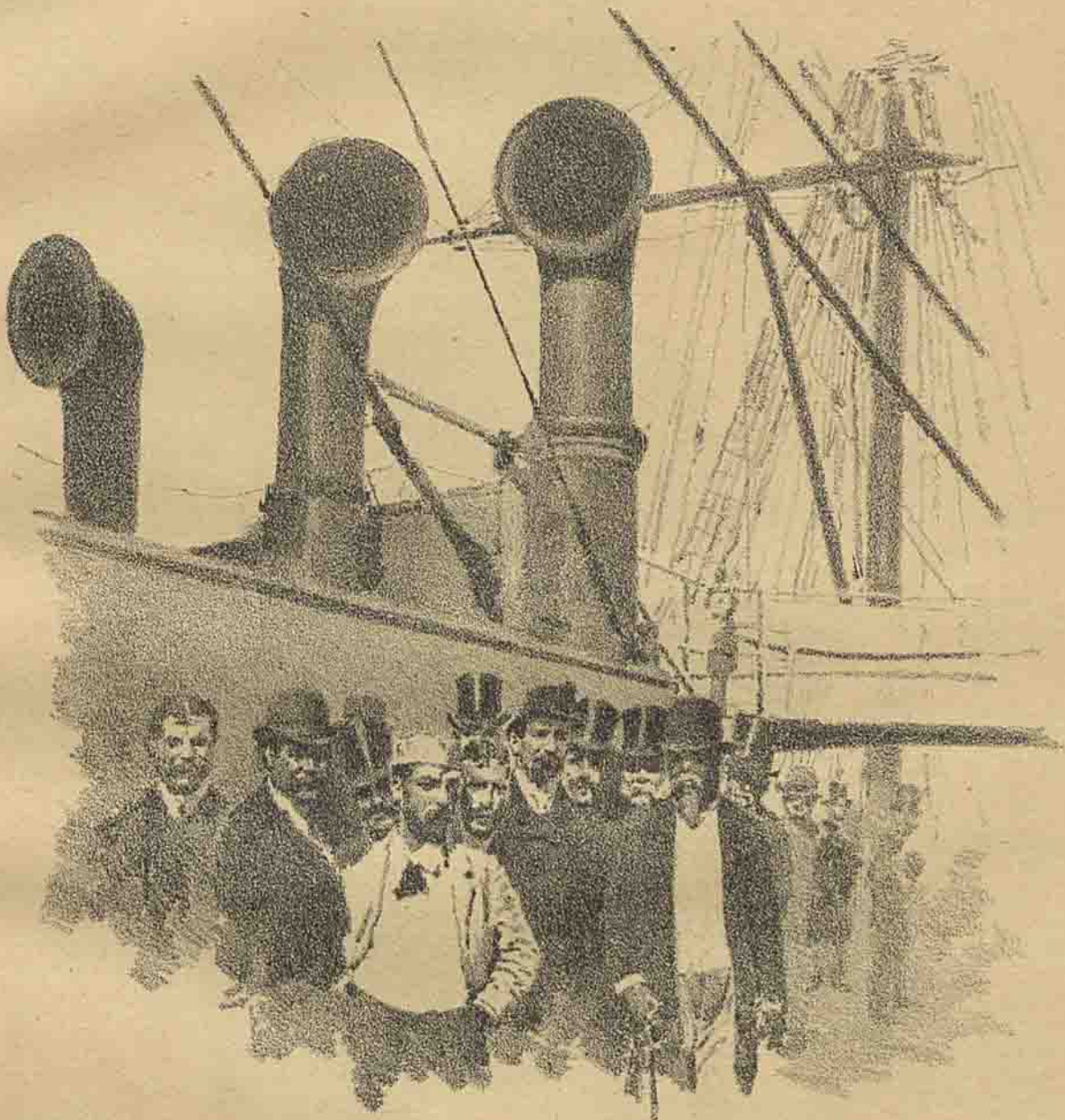


Os exploradores



A amabilidade obsequiosa de Paulo Plantier, que nos forneceu as photographias, devemos poder publicar hoje este *croquis* solemnizando a partida para Africa dos benemeritos portuguezes Manoel Antonio de Sousa, capitão-mór de Manica e Quiteve, major Paiva de Andrada, capitão tenente Antonio Maria Cardoso, tenente Victor Cordon, constructor da ponte do Lucalla, e Augusto Cardoso, o intrepido explorador companheiro de Serpa Pinto.

Os serviços relevantissimos prestados em Africa por estes cinco dedicados patriotas e de todo o paiz como de toda a Europa conhecidos, dispensam-nos de ajuntarmos uma palavra que seja de elogio, a engrinaldar esses nomes tão profundamente gloriosos.

Joaquim Dias Tavares



Joaquim Dias Tavares, cujo retrato publicamos é um moço portuguez de grande talento musical e excellente voz de tenor. Debutou a 10 de maio ultimo no theatro Lavezzo, de Rovigo, na Italia, o mesmo theatro em que se estreiára o conhecido tenor Tamagno, e onde o nosso compatriota recebeu os mais calorosos applausos, segundo referem varios jornaes italianos que acabamos de lèr.

Joaquim Dias Tavares é pouco conhecido em Lisboa, mas tem bastantes relações no Porto, que de certo rejubilará com os triumphos do artista portuguez, como nós rejubilamos sempre que no estrangeiro vibra um echo triumphante dos nossos meritos nacionaes.

Por ahí...



A cidade começa a de-
bahdar para as aguas:
para as caldas, para as
alcalinas, para as salga-
das, para as de todas as
qualidades menos a cha-
mada de agua doce.

Com essa, a tal doce,
tem a cidade amargura-
do bons oito mezes sob a
tutella do dr. Pinto Coe-
lho.

Antigamente, no tem-
po do freguez do chafa-
riz do Rato, o povo queixava-se, e com razão, de que
o taberneiro deitava agua no vinho. Agora, com o fre-
guez da rua dos Capellistas e com o preço a que che-
gou a agua, é muito para recejar que nos deem vinho
na agua.

E' por isso que Lisboa, pagando por um preço exor-
bitante agua do rio, ainda por cima adulterada com
vinho do Val do Rio, aproveita estes mezes de calor
para dar uma folga ao estomago, dando outra folga á
algibeira, visto que lhe sac mais barato ir á Galliza
tomar água de Mondariz de que ficar em Lisboa a to-
mar agua do chafariz.

A concorrência nocturna á exposição industrial vem
attestar mais uma vez que o feitio de um povo não é
coisa que se mude como quem muda o feitio de um
chapeu alto.



O povo estava costumado ao Passeio Publico. Davam-
lhe o passeio Publico desde pequenino: ás vezes, ainda
antes de pequenino — no ventre materno.

Habitou-se áquillo; gostava d'aquillo, vivia para
aquillo.

As grades de ferro, a musica do 2, o baile infantil, o
o namoro, o Justino Soares e o calospintocomogreme
constituíam todo o seu ideal, representavam toda a sua
ambição, satisfazião toda a sua necessidade material
e moral, de forma a não lhe ficar nem um cantinho na
alma, nem um buraquinho no corpo, onde podesse
abrigar-se uma ambição não satisfeita!



De repente tiram-lhe as grades de ferro, tiram-lhe a
musica do 2, e o baile infantil, e o namoro, e o Justino,
e o calospintocomogreme, tiraram-lhe tudo, em sum-
ma, tudo o que elle tinha e passou a não ter — ficando
no estado do Pedro do Ceu, que já teve e agora não
tem!

Passam-se annos e, em vez das grades e mais partes
que concorriam na pessoa do Passeio, para bem mere-
cer da estima publica, dão ao indigena uma bella ex-
posição industrial, com magníficos pavilhões, reful-
gente luz electrica, muita curiosidade para ver, muita
novidade para observar, muita belleza para admirar.

E o indigena o que faz?

Vae para lá, em doses muito homeopathicas, passa
pelos pavilhões como cão por vinha vindimada, e vem
sentar-se cá fóra, ou bocejando de fastio ou fazendo
concorrência á trompa da fanfarrá, a resonar como um
bemaventurado!

E ao centro da rua, quasi deserta, duas ou tres
crianças — filhas talvez de mããs que dançaram a pol-
ka janota no defunto Passeio Publico — aproveitam a
musica no acatamento das tradições de familia, dan-
çando umas com as outras, na desenvoltura mazurkal-
mente precoce de quem sente o corpo a pedir-lhe Jus-
tino Soares por uma pá velha...

Se a commissão promotora da exposição quer en-
chente: á cunha siga este conselho:

Feche as galerias, apague a luz electrica, deite fo-
gos de bengala, ponha de banda os concertos da banda
e contrate o Justino de chapéu á banda e alguns alfe-
res de espada e banda. Vae tudo d'uma banda com
concorrência!

San Tarantula



Salões, palcos e circos



A empresa do
Colyseu vae n'um
sino — de que eu
aliás tenho muita
pena de não ser o
sineiro, attentas as
magníficas cordas
de voz que se ob-
servam na parte
feminina da com-
panhia. Se eu fos-
se o sineiro d'a-
quella freguezia
era capaz de me

pôr a tocar mais do quarto d' hora que manda o regu-
lamento do governo civil.

Olá, que me punha!

A zarzuela *Cadiz*, uma peça patriótica para os hes-
panhoes, tem enthusiasmo mais de que todas as ou-
tras o nosso publico, como se houvesse uma correla-
ção directa entre o patriotismo hespanhol e o nosso
amor da patria!

Os portuguezes de 1640, peça patriótica do sr. Mi-
guel Osorio, primo do primo Miguel Osorio das La-
grimas, quasi que nos fez rebentar a rir. Agora, com
as scenas patrióticas da zarzuela *Cadiz*, as nossas la-
grimas verdadeiras misturam-se com as lagrimas fin-
gidas das actrices hespanholas!

— Então você applaude assim a victoria dos hespa-
nhoes, os nossos ex-usurpadores? dizia hontem para
um espectador o A. A. d'Andrade e Almeida da 1.º de
Dezembro; onde está então o seu patriotismo?...

— O meu patriotismo, respondeu confidencialmente o
interpellado, apontando para uma das coristas mais
opulentas de fórmãs; o meu patriotismo... está ali...

A semana epistolar



O'Neil escreve para a imprensa declarando que não deu voto. Que já foi mas já não é devoto do marquez da Foz, por isso não deu voto.

Conde de Valenças escreve afirmando que sim, que O'Neil deu voto e até pelo phone, por tal signal.

O'Neil bi-escreve que não, que não é assim, que não sabia de tal voto e que nem sabe fallar ao telephone.

Marquez da Foz escreve louvando-se nas palavras do conde e mais nas do telephone.

Marquez bi-escreve que O'Neil deu voto e appella para o testemunho do arame do telephone.

Conde de Valenças bi-escreve que não, que não é assim, que não sabia de tal voto e que nem sabe fallar ao telephone.



Fernando Palha escreve ao conde de Restello sobre aquella misturada de cartas.



Conde de Restello não entende a misturada, medita, mistura e manda.



Carteiro estafado de entregar tanta carta já não tem mais lingua para deitar de fóra.



Henrique Ulrich e Vellez Caldeira escrevem dando por terminada a questão.



Tablau:— Todos muito satisfeitos— Tout est bien qui fine bien.

RAPHAEL BORNALLO PINHEIRO



Na *Trindade*, como no Coliseo, tem campeado as hespanholas; e enquanto ellas foram campeando foi campando a empresa.

Essas vão deixar-nos, ao que annunciam os cartazes; vão deixar-nos sem talvez que o pranto lhes inunde as faces e etc.—o que afinal será um bem, porque lá tinhamos mais uma sangria ao cofre dos inundados...

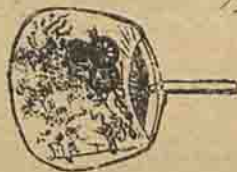
O *sexteto de señoritas* despertou a admiração do publico não só pelo seu merecimento artistico como pelo seu bom comportamento moral e civil.

Aquellas senhoritas não eram senhoritas: eram umas senhoras muito serias; o diminutivo foi-lhes encaixado contra vontade d'ellas.

O seu comportamento era tão bom como a sua musica; honestidade e repertorio de primeira ordem; excellentes artistas e excellentes mães de familia.

Que nos perdê o resto das nossas salerosas visinhas, mas o sexteto de senhoritas até chegou a parecer-nos composto de hespanholas apocryphas...

de um Tarantula



Politica em bolandas



Ha muito tempo já que o sr. marquez de Vallada andava com pruridos de discurso. Trazia, como o outro que diz, a coisa engatilhada á espera de occasião.

Alguns amigos do governo inquietavam-se com o caso

e aconselharam o sr. José Luciano, como chefe de gabinete, a que fosse precavido, reservado, tanto elle como o gabinete, porque o sr. marquez premeditava saltar-lhes em cima—e ai d'elles quando tal salto se realisasse.

O sr. ministro da fazenda—um sceptico—não acreditou no salto.

—Isso sim! dizia elle: o homem salta lá... Foi tempo... Aquillo já não é matta d'onde saia coelho...

—Antes pelo contrario... confirmava o sr. Barros Gomes, com uma grande intenção atravessada no olhar.

—Pois esperem-lhe a pancada, obtemperavam os amigos do governo, receiosos.

—Isso é que não esperamos, retorquiam os outros assustados.

Afinal, a instancias do sr. José Luciano Sentinella Vigilante, que, na sua qualidade de sentinella, comprehendeu perfectamente que havia de ser o primeiro

atacado pelo sr. marquez; a instancias do sr. José Luciano lá se resolveu que o gabinete fosse precavido e reservado como o aconselhavam os amigos do governo.

Ora o sr. marquez de Vallada, assim que lhe constou que tinha gabinete reservado... não lhes conto nada senão por musica...

Isto quer dizer que se atirou a elle como gato a bofes.



Antes do sr. marquez tomar a palavra, quem ia tomar a era o sr. Vaz Preto. Ao que parece ambos a tinham pedido ao mesmo tempo e o sr. presidente dêra-a de preferencia ao sr. Vaz Preto—talvez por ter costella de brasileiro, o sr. presidente, que os brasileiros andam agora muito amigos dos pretos.

O sr. Vaz Preto observou, porém, que pedira a palavra em commum com o sr. marquez—*Em commum*, sublinhou s. ex.*

—*Com' um*, repetiu o sr. marquez.

—E que, portanto, continuou o sr. Vaz, na impossibilidade de fallar ao mesmo tempo um par de pares, elle Vaz d'esta vez não ergueria a voz; que seria de Vaz vis atravessar-se adiante do sr. marquez...

O sr. marquez, com aquella delicadeza fidalga que todos lhe conhecem, ainda quiz ceder o campo ao sr. Vaz, dizendo-lhe que fallasse primeiro que elle fallaria depois, que não se lhe dava de esperar um bocadinho.

Mas o sr. Vaz Preto obstinou-se na sua, que não fallaria primeiro, que não iria na frente, que fosse elle marquez adiante, que elle Vaz iria atraz.

E tanto insistiu que o sr. marquez afinal lá teve de ceder—quem sabe se pela primeira vez na sua vida!... —e tomou a palavra dizendo que estava muito incommodado e que portanto só tomaria alguns minutos á camara.



Mas s. ex.* é, mal comparado, como aquelle emerito beberão, que começava dizendo que não tomava nada e acabava por deixar os toneis sequinhos como uma sardinha do tempo.

Apesar de incommodado, ou talvez por isso mesmo, o sr. marquez ainda hoje estaria badalando se o badalo do relógio não tivesse dado a hora regulamentar.

Foi o badalo alheio que lhe cortou o badalo proprio. *Simila cum similibus curantur.*

D'ahi deduziram quantos tiveram o prazer de o escurtar, que o incommodo do sr. marquez de Vallada poderá talvez affectar-lhe todas as partes do corpo, mas de que o não impede é de dar á lingua na perfeição...



O sr. marquez levou pois toda a sessão e levou-a facilmente, sem esforço, sem sacrificio; e mais levaria ainda se o tivessem deixado entrar pela noite dentro.

Tambem, fallou de tudo que se consou!

Primeiro descreveu um naufragio com todos os ff e rr—apesar do naufragio não ter senão um exemplar de cada uma d'aquellas letras.

A voz de s. ex.^a era tão eava, tão sinistra; a phrase tão empathica, tão apropriada; o gesto tão rasgado, tão bem mettido, que em todo o auditorio se produziu uma verdadeira illusão d'optica, chegando muita gente a persuadir-se de que o sr. marquez era um verdadeiro naufrago, que estava alli rodeado de marujos — e muito contente da sua vida, apesar da eminencia do perigo — todo molhado, com a inundaçãõ que ia de pôpa a prôa; e parecia até que se ouviam os gemidos do sr. marquez, gemidos afflictivos, de quem se sente ir d'esta para melhor — para muito melhor! — e julgava a gente vel-o a boiar n'um oceano branco de espuma, agarrado a um pau de bujarrona — porque os naufragos agarram-se á primeira coisa que lhes vem á mão — e sumir-se depois, cantando a triste vida do marujo qual d'ellas a mais cançada, sumir-se por alli abaixo, abocado pela dentada aguda e esfomecada d'algun grande tubarão — pertencente á familia dos antropophagos.



Depois do convivio dos marujos o sr. marquez saltou juvialmente para o meio dos soldados.

Em seguida á descripção do naufrago fez a descripção d'uma guerra.

N'este ponto a illusão do auditorio não foi inferior á antecedente.

Como que se viam os soldados, aguerrido se agarrados a s. ex.^a na extrema confusão d'uma batalha campal das mais sanguinolentas.

O sr. marquez escorria sangue por todos os lados! S. ex.^a de pavilhão desfraldado — sem fralda, como dizia o outro — incitava a soldadesca ao heroico commettimento; os soldados porém já não podiam commetter coisa com geito, de abanados que estavam no ardor da lucta.

A scena passava-se em campo de Ourique — que é onde está o quartel do 16 — c, á semelhança do que succedera ao fundador da monarchia, o sr. marquez de Vallada — que é tambem fundador d'uma monarchia, se bem que d'outro genero; — o sr. marquez de Vallada tinha igualmente a sua opparição milagrosa.

Apparecia-lhe S. Barambú — que é santo d'uma bella rima — e dizia-lhe lá de cima propositando-lhe uma victoria certa:

— Tem esperanza em mim... *Espera... Espera...*
Espera...



Pan-Tarantula

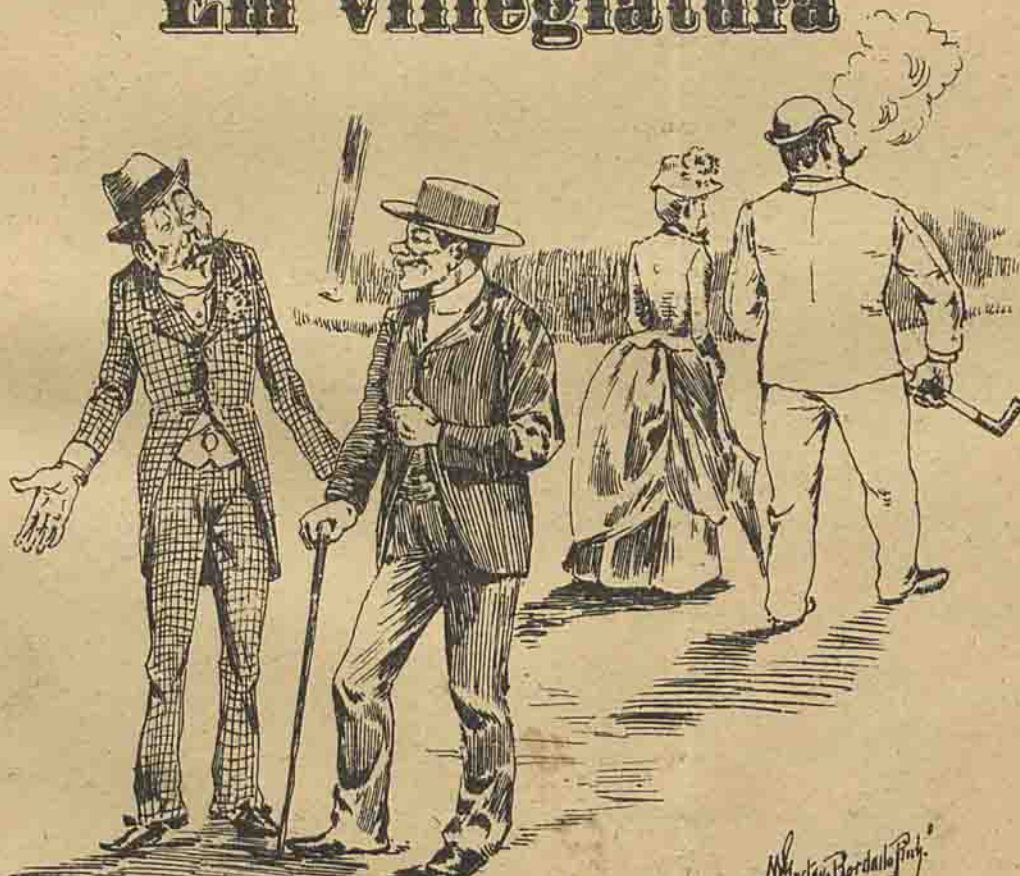
CANÇONETAS E MONOLOGOS

DE

Pan-Tarantula

2.^a edição. — Veja-se o annuncio na capa

Em villegiatura



Alfredo Bordinho Pin.

—Então, André, ainda este anno fazes a côrte á viscondessinha?...
—Não! Deixei-me d'isso... O marido não levava em gesto...

CONTOS MUDOS

O GATO E O GNOMO

